



Mídia e Branquitude no Brasil: Do Sujeito Desidentificado à Maioria Minorizada¹

*Media and Whiteness in Brazil:
From the Unidentified Subject to the Minoritized Majority*

*Medios y blancura en Brasil:
Del sujeto no identificado a la mayoría minorizada*

Richard Santos²
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)

Conferência
Conferência

Objetivo neste opúsculo desenvolver uma análise de perspectiva histórico-sociológica sobre questões debatidas no cotidiano e pouco relacionadas entre si. Desta feita esta apresentação, que tem por base pesquisas recentes conduzidas por mim, busca relacionar a exclusão afro-indígena dos meios de comunicação visuais, a televisão em especial, à “permissão” do uso da violência sobre seus corpos, à desumanização do ser, às dificuldades de acesso à cidadania integral e ao genocídio da população negra no Brasil. Propõe-se aqui que ao negar ao imaginário coletivo um conjunto de signos que visibilizem a humanidade e pluralidade do ser não branco, os emissores do discurso midiático se associem aos interesses da minoria que historicamente atua pelo embranquecimento do país, em favor, ainda que não

¹ Uma primeira versão desse texto pode ser encontrada no sob o título: “Do Sujeito Desidentificado à Maioria Minorizada: uma abordagem histórica da antinegitude na mídia brasileira. IN: 130 anos de (des)ilusão: a farsa abolicionista em perspectiva desde olhares marginalizados. GÓES, Luciano (org.) Belo Horizonte: Editora D’Plácido, 2018. Palavras-chave do texto: Sujeito Desidentificado. Maioria Minorizada. Mídia. Televisão. Branquitude.

² É Professor adjunto do Centro de Formação em Artes e Comunicação, CFAC da Universidade Federal do Sul da Bahia. Credenciado ao programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Raciais, PPGER-UFSB. Pós-doutor em Cultura e Sociedade pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade da UFBA. Doutor em Ciências Sociais pelo Departamento de Estudos Latino-americanos – ELA /UNB. Mestre em comunicação pela Universidade Católica de Brasília. Especialista em História e Cultura no Brasil pela Universidade Gama-Filho. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro da INTERCOM, Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação. Tem como principais objetos de pesquisa, televisão pública, diversidade étnico-racial, hegemonia e contra hegemonia no contexto das indústrias culturais. Autor de *Maioria Minorizada – Um dispositivo analítico de racialidade*, 2020, e de *Branquitude e Televisão – A nova (?) África na TV pública*, 2ª edição, 2021. Ambos publicados pelo selo Pensamento Negro Contemporâneo da Editora Telha. <https://orcid.org/0000-0002-7870-7554> Endereço eletrônico: prof.richardsantos@gmail.com Sítio eletrônico: www.pensamentonegro.com



dito verbalmente, mas constatável empiricamente e visualmente, da supremacia branca e burguesa, em detrimento de uma formação nacional plural, equitativa e com valores humanitários estendidos ao que eu classifico como Maioria Minorizada (SANTOS, 2020).

Destarte que proponho um olhar sobre o desenvolvimento da indústria comunicacional no Brasil em paralelo com a região latino-americana, cuja dependência e subserviência aos interesses estadunidenses, principalmente, desde o fim do conflito denominado Segunda Guerra Mundial, fará com que sejam reproduzidos por aqui os códigos da branquitude e o rechaço à negritude. A racialização dos não brancos e a formação de uma massa populacional que segundo os signos emitidos pelos meios seriam aculturados, disponíveis para receber o conteúdo emitido acriticamente, seriam os Sujeitos Desidentificados (SANTOS, 2021).

Desde perspectivas sócio-históricas aqui citadas e manejando os construtos teórico-metodológicos que permitem a compreensão da formação do Sujeito Desidentificado e da Maioria Minorizada que proponho a compreensão da realidade vivida no tempo presente, cujo papel da mídia é determinante para os avanços e retrocessos nos direitos da massa disforme que, como dito inicialmente, é formada principalmente pela população negra, indígena e sua mescla.

Compreender como se dá o processo comunicacional, a exclusão da Maioria Minorizada, as emissões de signos e a indústria midiática, é pensar o processo histórico de formação do meio, seus objetivos e sujeitos. A noção de comunicação perpassa uma diversidade de sentidos. Se esta afirmação, sobre a noção do que é a comunicação ao longo dos anos vem se constituindo em verdade, o desenvolvimento tecnológico e a massificação das práticas acrescentam novas vozes a esta polifonia. Vive-se um tempo comunicacional que faz das plataformas, conteúdos e recepção um campo especialmente emblemático nesta sociedade mundializada do terceiro milênio (ORTIZ, 2006).

A televisão como conhecemos em sua criação já não é mais a televisão que temos hoje. A emissão de signos através das plataformas comunicacionais expande o alcance das mídias, mas, não necessariamente, ressignifica a forma da mensagem e a quem ela é encaminhada. Estudos recentes mostram que a Maioria Minorizada continua a parte, excluídos das mensagens emanadas pelos meios.

É no período classificado por Hobsbawm (1995) como “Era dos Extremos” que veremos a estruturação e desenvolvimento contínuo das tecnologias da comunicação, a significação de “massa”³ e a desestruturação da massa dando espaço a *cibercultura* (NEGROPONTE, 1995) e a comunicação individualizada da era digital, ainda que popularizada através das novas plataformas. Conforme Walter Benjamin, analisando os avanços tecnológicos do entre guerras e do pós-segunda guerra, que passavam a permitir a reprodutibilidade da obra de arte e sua massificação associada à estrutura da indústria cultural,

Esta astuta percepção de mudanças apontadas lá atrás por Benjamin, relativa à produção cultural e à circulação das obras é o que chamamos de indústria criativa. Frederick Martel (2012) resgatando Benjamin e analisando os avanços das tecnologias da comunicação desde o pós-guerra e sua relação com as chamadas novas mídias, diz que: “[...] o que caracteriza as indústrias criativas, em relação à arte ou ao esporte, por exemplo, é o fato de serem vulneráveis ou suscetíveis de resvalar quase totalmente para o digital” (MARTEL, 2012, p. 469). Se Benjamin discutia, em seu tempo, o avanço das máquinas de *Off Set* e a reprodução em massa frente a produção artesanal da época, Martel traz o tema da digitalização interferindo nas relações de troca da atualidade.

É aí que Hobsbawm (1995) proporciona um vasto panorama do desenvolvimento das tecnologias da comunicação no entre guerras e seu aprimoramento para a vida social e econômica no pós-guerra. O historiador traz à tona a dialética no processo dos avanços tecnológicos, a ideia de controle social da massa urbanizada no pós-conflito e o uso utilitarista dos novos meios por parte dos governantes. Ele nos informa que no entre guerras houve um grande incentivo à pesquisa em comunicação e investimento no desenvolvimento de novas tecnologias. Aduz ainda que, em 1914, modernos veículos de comunicação de massa já estavam disponíveis em vários países ocidentais (europeus e estadunidenses) e, ainda assim, o crescimento desta indústria no período beligerante foi espetacular:

³ “A massa é constituída por um agregado homogêneo de indivíduos que, enquanto seus membros, são substancialmente iguais, não distinguíveis, mesmo se provêm de ambientes diversos, heterogêneos e de todos os grupos sociais”(WOLF, 2012, p. 7). Comunicação de massa é uma série de fenômenos que emergiram historicamente através do desenvolvimento de instituições que procuravam explorar novas oportunidades para reunir e registrar, para produzir e reproduzir formas simbólicas, e para transmitir informação e conteúdo simbólico para uma pluralidade de destinatários em troca de algum tipo de remuneração financeira (THOMPSON, 2012, p. 53).



Segundo relatos do historiador, no entanto, esta foi a era das telas, do rápido crescimento do cinema. “Em fins da década de 1930, para cada britânico que comprava um jornal diário, dois compravam um ingresso de cinema” (HOBSBAWM, 1995, p. 192). Ele associa este avanço tecnológico do cinema a uma necessidade de popularização do inglês e a consolidação de uma hegemonia cultural estadunidense.

O historiador não é o único que proporciona aporte empírico para contextualização deste importante período para compreensão da contemporaneidade. Durante o processo beligerante do segundo conflito mundial ocidental, numerosos investigadores contribuíram para alimentar a ideia da mídia e da propaganda como um ser maior dentro do espaço social. Para além da famosa obra de Orson Welles – a “Guerra dos Mundos” apresentada na rádio CBS que aterrorizou milhares de estadunidenses crédulos da chegada de extraterrestres, uma suposta invasão de marcianos e que dá uma dimensão do poder da comunicação radiofônica –, a eleição de F.D. Roosevelt em 1932 inaugura o *New Deal* e as técnicas de formação da opinião pública. Como aponta Mattelart (2003), “trata-se de mobilizar a população em torno dos programas do *Welfare State*, a fim de sair da crise. Nascem as sondagens de opinião como ferramentas da administração cotidiana da coisa pública” (MATTELART, 2003, p. 39).

Ainda no plano das potências ocidentais, a escala global dos avanços comunicacionais, mensagens que ainda antes do advento da internet passam a serem transmitidas através de grandes distâncias, e um maior acesso à informação e comunicação provenientes de fontes distantes. É a chegada do satélite, a popularização da televisão, o aprimoramento da comunicação eletrônica e a configuração geopolítica para exploração desse mais novo avanço tecnológico.

A informação dos meios de comunicação de massa reforça o controle social nas grandes sociedades urbanizadas, nas quais o anonimato das cidades enfraqueceu os mecanismos de descoberta e de controle do comportamento anormal, ligados ao contato informal face a face (WRITE, 1960 *apud* WOLF, 2012, p. 56).

Analistas do período abordado são enfáticos em afirmar que os EUA são os grandes beneficiários das duas grandes guerras no continente europeu, e que o avanço tecnológico proveniente do período ajudou a sedimentar a hegemonia estadunidense e o declínio dos antigos impérios e potências.



Sader (2000) propõe que os EUA têm todos os méritos por terem se transformado na nova potência hegemônica dentro do capitalismo, valendo-se, da experiência da crise de 1929 e da montagem de um gigantesco complexo industrial que nunca mais seria desmontado. Enquanto as demais economias ocidentais sofriam com a guerra, os EUA iniciavam o mais prolongado e extenso ciclo expansivo da economia capitalista já nos anos 1940. Tornou-se mesmo antes da segunda guerra, a economia tecnologicamente mais avançada do mundo. E com domínio sobre todo o continente americano conseguiram uma extensa base de apoio para sustentado na exploração da região, emergir como potência internacional.

Os EUA, neste momento narrado por Emir Sader, deram início ao que Hobsbawm (1995) classificou como “Os anos dourados”, ainda que esta “Era”, nas palavras do historiador, não tenha sido tão revolucionária. Ora, os EUA simplesmente continuaram a expansão dos anos da guerra que foram muito bons para o país. Não sofreram danos e ainda aumentaram o seu PIB em dois terços. A era de ouro foi um fenômeno mundial, embora a riqueza geral jamais chegasse à vista da maioria da população. Para esta, as décadas seguintes, à chamada era de ouro ocidental, os anos de 1970 e 1980 mais uma vez foram de sofrimento e catástrofe para o continente africano e latino americano. “Era clássica a imagem da criança exótica morrendo de inanição, vista após o jantar em toda tela de TV do ocidente” (HOBSBAWM, 1995. p. 255).

Durante todo o período acima, no pós-guerra e no processo conhecido como Guerra Fria, construído pelo sistema de comunicações estadunidense ou sob influência deste – que, expandiu-se e passaram a atingir milhares de pessoas ao redor do globo –, os jornais denominaram o “mundo livre”, ou seja, os Estados aliados aos EUA. Os países do “mundo livre”, a despeito do problema de localização geográfica, passaram a ser parte do “Ocidente”. O fim da Guerra Fria não foi o final do ocidente ideológico, este englobava até mesmo o Japão. É nesta ocidentalização do mundo que a branquitude estética e a construção de imaginários modernos, assépticos e heteronormativos se consolidam como política de estado e Soft Power.



Neste momento, o projeto político dos EUA, também se transformava. Em busca de hegemonia global redesenhava seu projeto de dominação e supressão internacional para as próximas décadas.

Os países Latinos alinhados a Washington, também buscavam se inserir nessa luta pela devoção ao “mundo livre” e transformações globais. Seus ditadores e oligarcas da comunicação, financiados pelo Tio Sam, iniciam a expansão das redes na região e adotam o modelo televisivo e estético estadunidense, caso do grupo O Globo no Brasil, Clarín na Argentina e Global Vision na Venezuela, entre outros.

Apesar da oralidade intrínseca ao avanço do meio, signos não verbais são a principal ação estética a ser explorada pela nova mídia, a mídia eletrônica. A bandeira estadunidense tremulando associada ao bem, a luta democrática e a defesa dos interesses da humanidade dará a tônica em seriados, jornais ou desenhos animados⁴. Estes serão caracterizados pela estética da branquidade como signo do civilizado e moderno e, também, responsáveis pela consolidação dos signos bárbaros e trevosos associados à Maioria Minorizada. O imperativo da racialidade, da segregação e alienação do não branco, desde modelo desenhado na Europa dos descobrimentos (MBEMBE, 2014; FANON, 2012, 2008; DUSSEL, 1993) aos EUA segregacionistas serão a tônica das imagens emitidas pelo meio até o presente.

A televisão, seguindo o modelo hegemônico ditado, influenciará decisivamente o discurso político. Os líderes globais passarão a se orientar por especialistas em marketing e comunicação, que participam da elaboração de slogans e interferirão no conteúdo dos programas políticos dos Estados, promovendo adaptação às linguagens midiáticas. Este processo irá influenciar os projetos locais de desenvolvimento, interferirá no processo de inclusão das Maioria Minorizada locais na estética televisiva, e estimulará uma significativa movimentação social organizada e debate acadêmico sobre os rumos e influências da comunicação midiaticizada na vida local.

O antropólogo e filósofo hispano-colombiano Jesús Martin-Barbero (2009), entrará neste debate e dirá que não existem mediações políticas nem culturais na história dos meios

⁴ Ver TOTA, Antonio Pedro. O Imperialismo sedutor: A americanização do Brasil na época da segunda guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.



na região, que o papel decisivo que os meios massivos desempenharam nesse período residiu em sua capacidade de se apresentarem como porta-vozes da interpelação, que a partir do populismo convertia as massas em povo e o povo em nação. Interpelação que vinha do Estado, mas que só foi eficaz na medida em que as massas reconheceram nela algumas de suas demandas mais básicas e a presença de seus modos de expressão.

Alguns pesquisadores Berger (2012) afirmam que são demandas políticas e sociais, mais do que inquietações científicas, o que impulsiona a produção de conhecimento em comunicação na América Latina. Muito parecido com a pesquisa em comunicação nos EUA, cuja motivação foi como vimos acima, o impacto social dos meios de comunicação de massa, e mesmo o direcionamento da produção da Escola de Frankfurt, na Alemanha, que teve o nazismo como fenômeno inspirador de seus estudos sobre a indústria cultural. Ainda segundo o autor, “observar o desenvolvimento da pesquisa em comunicação na América Latina, é considerar, em primeiro lugar, as relações que estes têm com o contexto da época” (BERGER, 2012, p. 241).

É pela tradição de transpor e incorporar questões alheias que a influência estadunidense adentra o continente latino-americano, trazendo junto os temas e organizações para a área. Um exemplo disso é a criação do primeiro Centro que irá disciplinar os estudos de comunicação na região, o CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina), fundado no contexto da Aliança para o Progresso, resposta do governo Kennedy ao novo cenário latino-americano durante o contexto de Guerra Fria (BERGER, 2012, p. 242).

Somente no final dos anos 1960 a região verá o surgimento de uma proposta de entendimento comunicacional efetivamente latino-americana (DE MELO, 2005 p.10). Neste momento, as condições estruturais do subdesenvolvimento passam a ser consideradas e incorporadas à análise dos meios de comunicação. Refletir sobre o panorama político da região e a mediação será a marca da época. Como atesta Hobsbawm (1995) o mundo havia dado uma leve guinada para a esquerda.

Nesta guinada à esquerda, momento de luta e contradições, sonhos libertadores e de ditaduras militares na região, financiadas pelo capital estadunidense, que a comunicação de



massa, como projeto de dominação social e investimento econômico, será consolidada no continente. Neste momento também que se espraia a ideologia de dominação branca e se caracteriza os não brancos, o “outro”, como relacionado ao grotesco à desarmonia de uma sociedade “moderna”, como apontou Sodré (2002, 1988, 1984).

Desta forma que comunicação mais ampla, identificada com a televisão e significando a chegada da modernidade gerará na região, sob jugo dos interesses estadunidenses, a emissão de informações baseadas no interdiscurso⁵, ou seja, discursos manipulados e atualizados pelo sujeito enunciador, e fará parte da política de dominação completa estadunidense, a partir dos avanços tecnológicos, iniciada em 1978 durante o governo Richard Nixon. O que ainda hoje estamos vinculados, basta observar os interesses diretos relacionados ao Brasil do tempo presente, a quem interessou e a quem atingiu os retrocessos de direitos, conquistas históricas, perdas territoriais e entrega do patrimônio pátrio.

A ação hegemônica estadunidense no campo da comunicação é possível de ser observada em produtos críticos, denunciando este aspecto, como o documentário “Não sou seu negro” (2016), que aborda através do audiovisual a obra crítica e intelectual de seu protagonista, o poeta e escritor James Baldwin, traçando, através de seu último escrito não finalizado, um panorama histórico do racismo americano. Objetivamente, o diretor haitiano Raoul Peck põe em tela a história de racismo nos EUA, e uma acentuada crítica social sobre o alijamento da Maioria Minorizada local, quando se mostra, por exemplo, uma série de propagandas comerciais que retratam os negros em posição caricatural ou de subalternidade. Propagandas de época que davam a mostra do caminho a seguir por seus Estados aliados e dependentes. O quê, como aponta o diretor brasileiro Joel Zito Araújo, foi bem representado nas produções nacionais, importando signos e comportamentos racistas do Norte. Em “A negação do Brasil” Joel Zito Araújo apresenta um panorama histórico da telenovela no Brasil, uma análise do papel nelas atribuído aos atores negros, sempre representando papéis estereotipados, boçalizados e socialmente negativos.

Assim se caracterizará a comunicação televisiva na região, desta forma que veremos a negros e indígenas sendo trucidados com a anuência subjetiva dos meios, despossuídos de

⁵ É o conjunto de formulações já ditas, mas geralmente esquecidas, que constituem o que dizemos. O interdiscurso é algo que foi dito antes, em outro lugar, e cujo sentido é recuperado na enunciação. É um discurso atravessado por outros discursos, em um processo denominado interdiscursividade. (BENETTI, 2009, p.189)



suas culturas e identidades em nome de um desenvolvimento não inclusivo, e com seus corpos violados, eliminados e invisibilizados sem que isso provoque uma reação massiva e seja caracterizado como um plano de genocídio histórico contra a população afro-indígena brasileira⁶. Desta feita que veremos a pasteurização das identidades não brancas, os Sujeitos Desidentificados, invisíveis, abaixo da linha abissal como propõe Boaventura (2010) e com sua humanidade negada, tratada com o que Fanon (2008; 1968) e Mbembe (2017; 2014) classificam como um não ser, habitantes de não lugares. Sujeitos não cidadãos, com suas cidadanias mutiladas, como apontou Milton Santos (1997).

Existe todo um processo histórico social de descaracterização da humanidade e despimento das identidades da Maioria Minorizada, do sujeito afro-indígena, despido de seus elementos históricos numa tentativa de vesti-lo com os signos da modernidade branca. Assim apontam os pesquisadores citados acima. Deste processo de anomização do sujeito racialmente identificado, é que chamo de desidentificação do sujeito, e, que, com o desenvolvimento do sistema burguês de comunicação, visando beneficiar a uns poucos e doutrinar a maioria interferindo na formação do imaginário, mediando suas relações.

Neste processo histórico que como marco podemos apontar a virada do Século XIX para o XX, vimos a constituição das cidadanias plenas e das cidadanias mutiladas. O escanteamento dos ex-escravizados dando espaço para a abertura dos portos nacionais, a chegada dos imigrantes europeus e o projeto de branqueamento nacional.

Este Sujeito Desidentificado, cujo imaginário sobre si será consequência, também, da patologia do branco (RAMOS, 1995 [1982]) precisará se metamorfosear de cidadão urbano na construção de suas reivindicações, é levado a abandonar o campo, signo de atraso e subdesenvolvimento e migrar para os grandes centros, estará desamparado de qualquer garantia legal de inserção social, concorrerá desigualmente por vagas no mercado de trabalho e terá sua imagem construída como a do homem violento e da mulher descartável, objeto para uso sexual (GONZÁLEZ, 1984). Ainda terá contra si toda a estrutura estatal, reprimindo a

⁶ Ver Atlas da violência 2018. Visualizado em 06/06/2021. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf.



possível “onda negra”, conforme Azevedo (1987), do medo branco formado sobre o negro no imaginário das elites.

Neste processo de abolição e ganho das ruas de toda uma massa humana oprimida, ex-cativa (FRAGA, 2014), é que se forma o imaginário das elites brancas sobre o sujeito e, desta, a consolidação dos aparatos repressivos, de extermínio e alijamento sócio racial reforçado pelos meios de comunicação desde este período ímpar na formação nacional. Este construto armado para cercear este sujeito de seus direitos básicos e permitir a violência de suas culturas e de seus corpos que Nascimento (2002) chamará de genocídio do povo negro.

Assim se caracteriza o termo aqui cunhado como Sujeito Desidentificado e que permitirá a compreensão no presente da acelerada eliminação dos corpos negros jovens, a baixa repercussão social-midiática e a complacência da comunidade nacional e internacional frente ao caos político social dos tempos presentes nas Américas e Caribe. Seria certo dizer que desde a revolução haitiana (JAMES, 2010 [1938]) percebe-se uma tolerância com a eliminação da população negra por parte daqueles que dominam os aparelhos ideológicos do Estado, qual traçou Althusser (1987[1971]).

Nesse sentido, a televisão se tornou um espaço político com capacidade de construir opinião pública, formar consciências, influir nos comportamentos, valores, crenças e atitudes.

Pensar este processo histórico da emissão e recepção de informações, o lugar reservado ao negro e as nuances político-sociais relacionadas, nos faz caracterizar essa massa oriunda do período de formação nacional e, ainda hoje, desamparada em suas necessidades básicas, sofrendo com as desconstruções dos governos da vez, como a Maioria Minorizada. Esse termo seria mais do que o coletivo de Sujeito Desidentificado. Uma massa não homogênea tatuada como subalterna, e fruto da relação Estado-mídias eletrônicas. Um caudal de racializados, não brancos, cujo lugar histórico tem sido associado à invisibilidade e a exclusão. Em Santos (2020) assim anoto o termo:

Compreendo como Maioria Minorizada o grupo social majoritariamente formado por pretos e pardos (negros) conforme categorização do IBGE⁽⁴⁾ que, conquanto conformem a maioria demográfica da população brasileira, é minoria em termos de acesso a direitos, serviços públicos, representação política, e, que racializados como seres inferiores, sofrem apagamento identitário, são desidentificados(as), tornando-se, portanto, “minorias” no acesso



à cidadania, e “maiorias” em todo o processo de espoliação econômica, social e cultural, por fim, as maiores vítimas de todas as formas de violência (p.23).

Diversas razões e motivações nascem como fruto de uma inaceitável realidade onde negros em movimento e o movimento negro, em suas várias vertentes, lutam secularmente, e onde as respostas apresentadas pelo Estado têm sido insuficientes, fazendo com que tenhamos um permanente esforço de superação do problema. É nesse sentido que Maioria Minorizada trata as populações subalternizadas no espectro global de forma localizada.

Assim como os movimentos sociais que se unificam em luta contra a hegemonia, guardando suas diferenças, o termo Maioria Minorizada não pretende igualar, homogeneizar, mas aproximar sujeitos em posição de subalternidade e colonizados, em sua luta anti-colonialidade e por emancipação.

Neste Século, essas lutas estão direcionadas contra as consequências de todo aparato tecnológico comunicacional imobilizador das massas disformes e fiador dos interesses rentistas do Norte, mesmo quando no Sul. É contra as desmobilizações sociais e em favor das ações contra-hegemônicas. Pensar a Maioria Minorizada, como algo oriundo da massa de excluídos econômico, social e culturalmente com a anuência dos grandes meios de comunicação, é atuar contra as políticas da inimizade, como cunhou Mbembe (2017), promotoras dos interesses da burguesia branca internacional. É refutar a racialização humana e a constituição do não branco como não ser (CARNEIRO, 2005).

O desenvolvimento das mídias eletrônicas, da televisão em especial, ao modo que temos assistido ao longo dos últimos anos, certamente, é forte contribuinte para a localização da Maioria Minorizada na parte de baixo da linha abissal (SANTOS, 2010) linha invisível que separa o mundo em países desenvolvidos, subdesenvolvidos e evidencia as dominações econômicas, políticas e culturais, traduzidas por um lado na hierarquização dos saberes e, por outro, na negação da pluralidade.

Esse espaço do não ser, da imposição dos interesses hegemônicos e supressão dos direitos conquistados através de caminhos ditados pelo Deus mercado, têm coadunância e reforço nos interesses dos Czars televisivos, os barões brasileiros e latino americanos que no controle das concessões públicas e determinando os rumos da opinião pública, legitimam



governos, derrubam outros e criam argumentos para a desidentificação do sujeito e a não sublevação radical da Maioria Minorizada. É o que temos vivenciado no Brasil do presente.

Percepções inconclusivas

Busquei fazer um traçado da raiz dos sérios problemas estruturantes que perpassam a vida da população negra e afro-indígena, caso do racismo e suas interseccionalidades. Pensar a sociedade brasileira desde sua relação com o sistema mundo, e como a histórica dependência atinge a Maioria Minorizada para além das relações econômicas e de classe.

Em associação a essa postura imposta pelos meios no Brasil e região, desde a ascensão hegemônica estadunidense, vimos a consolidação dos signos subalternizantes associados à população negra e indígena, os interesses relacionados a esta subalternização e a estruturação de não seres, sub-cidadãos com seus corpos submetidos à violência, a serem amarrados e arrastados pelas viaturas da segurança estatal sem que isso gere uma revolta imediata, mesmo que passageira.

Possibilitou-se a utilização de ferramentais teóricos direcionados a emissão e recepção de signos racializados, caso dos Sujeitos Desidentificados e da Maioria Minorizada, e buscou-se a explicação da relação deste todo com o jovem amarrado ao poste e espancado. Tal qual a pessoa arrastada, majoritariamente, um não ser onde a seu corpo tudo é permitido e sobre seus direitos quase tudo é negado.

Como discorrido ao longo do trabalho, concluímos que este racismo e conseqüentemente sua branquitude, está absolutamente relacionado às mediações sociais feitas pelos meios de comunicação em nome da subjugação da Maioria Minorizada, e da formação de um imaginário da massa disforme capturado pelos interesses da elite dominante.



Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987[1971].
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites — Século XIX**. Prefácio de Peter Eisenberg. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BARBERO, Jesus-Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6º Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009 [1987].
- BERGER, Christina. **A pesquisa em comunicação na América Latina**. IN: Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Org. Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino, Vera Veiga França. 12ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação junto à Área Filosofia da Educação, sob a orientação da Professora Doutora Roseli Fischmann. São Paulo, 2005.
- DE MELO, José Marques. **Prefácio**. IN: Sociedade do conhecimento: aportes latino-americanos. Organização de José Marques de Melo; et al. São Bernardo do Campo: UMESP: Cátedra Unesco para o Desenvolvimento Regional, 2005.
- DUSSEL, Enrique. **1492, O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FANON, Frantz. **Sociologia de una revolucion**. – 1º ed. – Gualeguaychú: tolemia, 2012.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Mascaras Brancas**. Bahia: EDUFBA, 2008.
- FRAGA, Walter. **Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)**. 2º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve Século XX: 1914-1991**; tradução: marcos Santarrita; Revisão técnica: Maria Célia Paoli. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JAMES, C.L.R. **Os jacobinos negros: Tousant L'Ouverture e a revolução de São Domingos**; Tradução Afonso Teixeira Filho, - 1º ed. Revisada. São Paulo: Boitempo, 2010 [1938].
- MARTEL, Frédéric. **Mainstream: a guerra global das mídias e das culturas**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- MATTELART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Trad. Marta Lança. 1º ed. Lisboa, Antígona editores, 2017.



NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORTIZ, Renato. **Mundialização: saberes e crenças**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RAMOS, Guerreiro. **Patologia social do branco brasileiro**. In: Introdução Crítica à Sociologia brasileira. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995 [1982].

SADER, Emir. **Século XX**. Uma biografia não autorizada. O século do imperialismo. 1º edição. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. In: SANTOS, B.S, MENEZES, M. P. (Orgs.). Epistemologias do sul. 2 ed. Coimbra: CES, 2010

SANTOS, Milton. **As cidadanias mutiladas**. IN: O preconceito. Org. Julio Lerner. São Paulo: - Imprensa Oficial, 1996/1997.

SANTOS, Richard. **Branquitude e Televisão**. A nova África (?) na TV pública. 2º edição. Rio de Janeiro: Coleção Pensamento Negro Contemporâneo: Telha, 2021.

SANTOS, Richard. **Maioria Minorizada**: Um dispositivo analítico de racialidade. Rio de Janeiro: Coleção Pensamento Negro Contemporâneo: Telha, 2020.

SODRÉ, Muniz. PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso**: televisão, indivíduo e poder no Brasil. 3º Ed. São Paulo: Cortez Editora, 1994 [1984].

SODRÉ, Muniz. **A Comunicação do grotesco**. Um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. 11º ed. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1988.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Trad. Wagner de Oliveira. 13 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. Trad. Karina Jannini. 6º ed. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2012.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Conferência recebida para publicação em: 11 de dezembro de 2021.